
Dieter Brüll

Nasceu em 1922, estudou na Escola Waldorf e se formou em Economia e Ciências Políticas pela Universidade de Amsterdam, doutorando-se em Direito Fiscal. Lecionou Direito Fiscal e Tributário nas Universidades de Amsterdam, Rotterdam e Tilburg. Escreveu inúmeros artigos. Abdicou da carreira acadêmica em 1983 para se dedicar integralmente a cauda da Trimemoração Social, resultando na sua obra prima "O Impulso Social Antroposófico" (Zeist, 1985). Atuou como consultor de desenvolvimento institucional, como docente na Escola Superior Livre de Drierbergen e da Escola Superior Livre da Comunidade de Cristãos. Faleceu em dezembro de 1998.

Apoio: *Rilla*
Editora

ASSOCIAÇÃO DE PEDAGOGIA SOCIAL DE BASE ANTROPOSÓFICA NO BRASIL
São Paulo

Contato: www.pedagogiasocial.com.br
e-mail: mariseloopes@terra.com.br

CADERNO DE PEDAGOGIA SOCIAL



Associação de Pedagogia Social de Base Antroposófica no Brasil

COMUNIDADE E COMUNHÃO

Dieter Brüll

Caderno 2
Abril de 2005

Comunidade e Comunhão

Dieter Brüll

Título original: Gemeinschaft und Gemeinsamkeit.
Editora: Urachhaus, Stuttgart, Alemanha, 1986

Tradução: Jos Schoenmaker
(a partir da versão holandesa, feita pelo próprio autor)

Essa edição foi coordenada pelo Círculo de Divulgação da Associação de Pedagogia Social de Base Antroposófica no Brasil. Responsáveis: Christian Folz, João Luiz Fonseca, Jos Schoenmaker, Leila Scaff, Marise Lopes e Valter Gobbo.
Esta edição: Abril de 2005

COMUNIDADE E COMUNHÃO

Através da imagem da Torre de Babel o Velho Testamento nos relata o fim de uma era: a harmonia que inicialmente era a característica das comunidades desaparecia, as pessoas não se entendiam mais; cada um começava a falar na sua própria língua. A grande obra dos povos, a Torre de Babel, ficaria inacabada.



Essa imagem se aplica simultaneamente a um tipo de cooperação humana na qual pessoas se agrupam ao redor de uma tarefa comum: o trabalho a ser realizado está no centro; todos dão a isso a sua contribuição.

A este tipo de grupos, em concordância com o termo "comunidade de trabalho" irei chamar comunidade. É o tipo de grupo mais freqüente. Encontramo-lo entre o pessoal de um escritório ou indústria, como corpo docente, como a Câmara de Deputados e mesmo como Clube. Existem também outros grupos. Penso em certas associações ou sociedades que são caracterizadas por total descompromisso: lá você pode encontrar as pessoas, mas pode também tomar o seu café sozinho num canto e pode - durante o horário de funcionamento - ir e vir quando quiser. Há ainda as comunidades religiosas nas quais o objeto que liga as pessoas - p.ex. o culto, o sermão - se encontra fora do grupo (mas isso se modifica quando os integrantes se encontram para estudos ou para outras atividades conjuntas). Temos também as diversas formas de grupos passivos, p.ex. para ouvir uma palestra, para assistir a um jogo de futebol. Todas essas não cabem no meu conceito de comunidades porque lhes falta a característica essencial, a existência de algo inacabado ao qual todos se dedicam para completar o trabalho. Como, aliás, a própria Torre de Babel.

Não necessitamos desta imagem bíblica para saber que incompreensão leva a divergências. Também nossas atuais relações de trabalho estão cheias de

conflitos, e não só a respeito de salários. As pessoas já não se suportam mais umas às outras porque "falam uma outra língua". Inúmeras iniciativas vão por água abaixo em função de brigas corriqueiras. A cooperação se torna cada vez mais difícil e a "Torre de Babel" está ameaçada de ficar inacabada. Para uma sociedade fundamentada na divisão de trabalho isto é funesto porque a nossa própria sobrevivência depende disto. Não apenas no campo da produção (econômica); a mesma coisa ocorre na vida espiritual tão logo tenhamos que trabalhar institucionalmente juntos, em escolas, institutos, clínicas.

Veremos depois em que tipo de soluções paliativas se busca refúgio. Mas primeiro cabe uma análise que nos permita investigar as forças motrizes atuantes nesses grupos, em especial nas comunidades. Chegamos então a um dos ramos da ciência social - a sociologia. Esta estuda o funcionamento dos grupos (humanos): podemos também dizer que estuda o ser humano como ser grupal, como *Zoon Politicon* conforme se expressou Aristóteles. O leitor pode escolher se prefere traduzir esta expressão por "animal político" ou como "ente formador de grupos".

A sociologia é mal amada. Com isso não estamos nos referindo apenas à rejeição burguesa frente a uma orientação que deu origem a tanta gente de esquerda. A antipatia é mais profunda. _O que faz a sociologia quando ela estuda o que se passa dentro do grupo e entre os grupos? Ela nos torna conscientes daquela parte do nosso comportamento da qual de maneira geral nada sabemos, e acerca da qual de preferência queremos ficar sem saber.

Para a nossa consciência, o cotidiano é o natural, e o natural é o certo, é bom. Quando então o que se passa nos grupos e os juízos destes grupos são explicitados e comparados com o "natural" de outros grupos, então a forma cotidiana de atuar perde a sua naturalidade. Como consequência, se perde a certeza na vida social.

Tomemos um exemplo, o que está suficientemente distante no tempo para não despertar mais emoções nem desconfianças de ser motivado politicamente. Podemos encontrá-lo na maior partes das "introduções" sociológicas da década de 40 e 50. Protestos contra aberrações em países estrangeiros não são exclusividade das gerações pós-guerra. Nossos tataravós p.ex. se agitaram bastante e especialmente em público sobre os terríveis danos físicos causados nas meninas chinesas pela amarração de seus pés. Aqueles graciosos pezinhos das mulheres das classes melhor situadas eram obtidos amarrando-se os dedos dos pés para dentro, ficando pelo resto da vida impossibilitados de andar normalmente. A malévola sociologia demonstrou então, através do estudo de

esqueletos que a diminuição dos pés provocava danos físicos bem menores que a amarração da cintura com espartilhos que produzia a "cintura de Vespa" ocidental. Os desmaios de nossas bisavós frente à menor emoção não são criações de autores românticos, nem tampouco resultam de maior sensibilidade anímica. Simplesmente são resultado da crônica falta de ar.

Olhemos neste momento para o nosso tempo. Agora que as barreiras da distância geográfica estão superadas apresenta-se um fenômeno semelhante. Quando viajamos observamos com grande interesse o costume de outros povos. Dá-nos prazer ver como são diferentes e fazemos relatos líricos a respeito em casa. Raramente esta atitude traduz real tolerância interna. Geralmente trata-se de certa arrogância que encontramos também nos adultos em sua relação com as crianças, quando nos divertimos com seu comportamento bizarro e com o primitivismo das idéias dessa petizada. Isso fica rapidamente comprovado quando pessoas de outras nacionalidades, como imigrantes italianos, turcos, marroquinos se tornam nossos vizinhos. O que se ouve então é "*adapte-se ou suma*"! Sua maneira de viver e seus costumes são considerados inferiores aos nossos e até indecentes. Se esses mesmos imigrantes se manifestam também a respeito de nossos hábitos - o que geralmente não fazem por serem mais bem educados - então temos um monte de racionalizações à nossa disposição para justificar e mesmo idealizar o nosso comportamento.

O que a sociologia constatou neste campo, e quem quiser ter uma noção a respeito basta ler a introdução de A.N.J. Den Hollander a respeito em "O outro povo", foi complementado pela pesquisa dos anos 30 sobre processos sociais dentro de pequenos grupos. Em especial os sociólogos americanos com seu trabalho empírico conquistaram grande mérito nesse campo. Eles descobriram certos padrões reguladores que apresentam muitas semelhanças com o que já se conhecia do mundo animal, se bem que adaptados à espécie humana (1).

Como ponto de partida podemos aqui tomar o duplo conceito de "in-group/out-group". Um grupo não só se diferencia de outros grupos - ele quer se diferenciar. Se pertencemos a um grupo (in-group) então o consideramos como melhor, como mais valioso que outro (out-group). O processo se dá rapidamente. Já podemos constatá-lo em algo socialmente tão efêmero quanto numa comitiva de turistas. A divisão aleatória dos participantes em dois ônibus já faz surgir depois de algumas horas um sentimento negativo de pertencimento ao grupo, que se expressa em atitudes hostis frente aos integrantes do outro ônibus.

De forma mais marcante isto se expressa em grupos permanentes. Então surgem também as características positivas de grupo, os "valores" (values) próprios. Se estas são desconsideradas por integrantes do grupo isto terá punição e mesmo exclusão como consequência. Em caso de serem tratados de forma humilhante por membros de outros grupos isso pode ter represálias e até mesmo uma guerra de guerrilha como consequência. Alguns desses valores têm sua expressão em símbolos, p.ex. a bandeira de um clube e a forma como os integrantes se cumprimentam. Outros símbolos são objetos de valor, p.ex.: símbolos de status. São "escolhidos" de tal forma - entre aspas, porque não são escolhidos conscientemente - que se põe a serviço da estratificação social: devem ser suficientemente caros para que se tornem impagáveis para a classe que está um degrau abaixo na escala social. Por isso mudamos com o tempo, a partir da evolução dos preços. Antenas de T.V. (mesmo que sem televisão) e engates de trailer (mesmo que sem trailer) perderam seu caráter simbólico, pelo menos no mundo ocidental. O segundo carro e a segunda casa (ainda) não.

Nesses exemplos fica evidente que tais valores não têm sentido racional nem ético. Não os objetos em si, mas a forma como se lida com eles é de interesse sociológico. Isto nos leva a um terceiro conceito central: atitudes - Como se lida nos grupos com os valores construídos? Que atitude se assume diante de não-membros? Como estes fazem para distinguir-se daqueles? E como se possibilita que membros de um mesmo grupo se reconheçam?

Pelo fato da sociologia ter descoberto tantos fenômenos do reino animal, no grupo humano faz com que não seja bem quista junto à maioria dos antropólogos. Estes buscam o tipicamente humano, o individual. Por mais que queiramos partilhar essa orientação, negar o ser grupal no ser humano só pode significar um contra-senso. Que pelo seu Eu seja o homem a coroa da criação, seja aquilo que de fato importa, isso não nos pode impedir de enxergar que ele é ainda bem pouco capaz de ter domínio sobre o seu ser do desejo, sua astralidade. E pessoas que estão em condições de influenciar o seu próprio corpo vital e corpo físico quase não existem. Se olharmos para o ser humano como ele é hoje deveremos nos conformar com a constatação de que ele é determinado em 95 a 99% pelos padrões que regulam a matéria morta, o reino da vida e da vida em grupo. E esta esfera de grupo o ser humano tem em comum com o reino animal.

A animalidade, o anímico grupal, certamente não é de igual importância para todos os campos onde o ser humano atua. No entanto, passar ao

COMUNIDADE E COMUNHÃO

Através da imagem da Torre de Babel o Velho Testamento nos relata o fim de uma era: a harmonia que inicialmente era a característica das comunidades desaparecia, as pessoas não se entendiam mais; cada um começava a falar na sua própria língua. A grande obra dos povos, a Torre de Babel, ficaria inacabada.



Essa imagem se aplica simultaneamente a um tipo de cooperação humana na qual pessoas se agrupam ao redor de uma tarefa comum: o trabalho a ser realizado está no centro; todos dão a isso a sua contribuição.

A este tipo de grupos, em concordância com o termo "comunidade de trabalho" irei chamar comunidade. É o tipo de grupo mais freqüente. Encontramo-lo entre o pessoal de um escritório ou indústria, como corpo docente, como a Câmara de Deputados e mesmo como Clube. Existem também outros grupos. Penso em certas associações ou sociedades que são caracterizadas por total descompromisso: lá você pode encontrar as pessoas, mas pode também tomar o seu café sozinho num canto e pode - durante o horário de funcionamento - ir e vir quando quiser. Há ainda as comunidades religiosas nas quais o objeto que liga as pessoas - p.ex. o culto, o sermão - se encontra fora do grupo (mas isso se modifica quando os integrantes se encontram para estudos ou para outras atividades conjuntas). Temos também as diversas formas de grupos passivos, p.ex. para ouvir uma palestra, para assistir a um jogo de futebol. Todas essas não cabem no meu conceito de comunidades porque lhes falta a característica essencial, a existência de algo inacabado ao qual todos se dedicam para completar o trabalho. Como, aliás, a própria Torre de Babel.

Não necessitamos desta imagem bíblica para saber que incompreensão leva a divergências. Também nossas atuais relações de trabalho estão cheias de

estratificação em seis camadas é válida para todos os agrupamentos na mesma ordem de grandeza (proporções-macro). Eu mesmo pude confirmar isto quando fui solicitado a escrever um artigo sobre a sociologia do consultor de impostos. Para minha grande surpresa encontrei a mesma estratificação, apresentando as mesmas dificuldades de passagem, faltando apenas o extrato mais baixo. Isto é lógico, pois integrantes deste estrato não tem condições de compreender a legislação fiscal, e, além disso, falta-lhes a necessidade para tal (4).

Estou convencido que não seria difícil detectar a mesma estratificação p.ex. no movimento antropológico.

Também este obedece às leis sociológicas e muitas vezes é assim que aquilo que se considera na formação do grupo justamente como o próprio específico daquele grupo. Isto para o sociólogo traduz a conhecida imagem dos limites de "in-group", de formação de valores e sua defesa, de diferenciação de atitudes. Gostaria aqui de mencionar duas citações de Steiner: "Está em inteira conformidade com os fatos da vida que o ser humano se torna um ser totalmente diferente tão logo se encontre num contexto de grupo: diferente de quando ela está sozinho. Ele se torna diferente no que se refere a toda a sua vida anímica, assim constata o observador experiente, numa comunidade e especialmente numa comunidade ativa. Estando só, o ser humano segue seus próprios impulsos, então também um Eu frágil buscará os motivos para o que faz e deixa de fazer dentro de si próprio. Em comunidades existe, no entanto algo como "alma de massa": as inclinações, os desejos, os juízos, etc. se fundem". E adiante: "Quando características humanas declinam para a esfera do inconsciente então delas emana uma atuação mais forte sobre as outras pessoas do que quando provem da esfera do juízo saudável" (5).

Para desvendar os mistérios da comunidade precisamos seguir a sociologia mais um passo adiante, para dentro dos padrões reguladores **internos** dos grupos. Este ramo, que só veio a se desenvolver após a Segunda Guerra, também é indicado com o termo "dinâmica de grupo". O que exteriormente se apresenta como oposição agressiva a outros grupos tem sua continuidade na luta dentro do grupo. Também ali se trata de promoção, carreira, trata-se de posições de poder, dinheiro, ideologia. Mas da mesma forma pode se tratar de inimizades completamente irracionais ("não suportar uma pessoa"). Quanto mais existencialmente se está ligado, quanto mais se está "uns colados aos outros", em sentido figurativo, mas também literal, tanto mais dissimulada e explosiva se torna a situação. Em casos extremos se fala de "psicose de submarino": Quando muitas pessoas têm que conviver prensadas durante muitas semanas num espaço apertado, então surgem agressividades das quais

não se julgava capaz nem a outros nem a si mesmo. O tique mais inocente passa a atuar como a tortura da goteira-: uma gota de água em pausas regulares sobre o mesmo ponto do crânio deixa a vítima após algum tempo literalmente louco. Da mesma forma, em comunidades fechadas, hábitos inocentes - como cutucar o nariz, fechar ruidosamente as portas, a maneira de rir - provocam após algum tempo explosões de ira.

Não será necessário entrar no que as pesquisas acerca de padrões de comportamento trouxeram à luz. De maneira geral é algo pouco reconfortante. Mas chegamos aqui a um ponto onde podemos nos perguntar se a ciência espiritual tem ainda algo a acrescentar a esse respeito. Gostaria de indicar principalmente dois fatores. Devemos em primeiro lugar constatar que as relações no âmbito do que acima chamei de comunidades nunca foram tão catastróficas quanto hoje em dia. Isto não é só o caso "fora". Onde quer que nos coloquemos à escuta - seja em instituições da vida econômica ou espiritual, seja em instituições materialistas ou altamente espiritualizadas - em todo lugar é a mesma ladainha. Evidentemente isso nunca se deve ao próprio grupo: a desunião foi trazida para dentro do grupo em si tão harmonioso por um infiel, por um desertor, por um implicante constitucional - enfim, o bode expiatório. Como é que um "in-group" poderia se posicionar de outra forma?

Traços agressivos, intolerantes e egoístas certamente não são estranhos ao gênero humano. Mas "nos bons velhos tempos" sempre ainda se conseguia manter a situação sob controle. A razão principal terá sido o fato de se aceitar como evidentes as formas e os hábitos da comunidade à qual se pertence ou que se passa a integrar, tendo uma disciplina férrea e duras punições - também aceitas - como vara atrás da porta. Mas isso não é uma resposta, apenas uma constatação. A questão que se coloca é porque que em nosso tempo isto já não é mais aceitável ou pelo menos não tão aceitável. Encontramos a resposta na lei sociológica básica que Steiner formulou em 1898 da seguinte forma: "No início de seu status cultural a humanidade se empenha pelo surgimento de instituições sociais: o interesse do indivíduo é primordialmente sacrificado ao interesse das instituições; a continuidade do desenvolvimento, no entanto, leva a que o indivíduo se liberte dos interesses das instituições para chegar ao livre desabrochar de suas capacidades e necessidades". Na atualidade o desenvolvimento já chegou num estágio em que o indivíduo se rebela quando descobre que está sendo regido por interesses de grupo.

Pelo fato de eu já ter abordado amplamente esta questão no meu livro "O Impulso Social Antropológico" (Zeist 1985) limito-me aqui a observar que esta libertação do ser humano dos interesses das instituições, a qual atua com a

força de uma lei natural, não coincide por acaso com o mesmo momento em que a situação da sociedade exige estreita cooperação tanto no campo econômico (divisão de trabalho) quanto na vida espiritual (formação para todos, complexidade das ciências).

Ao lado deste fator dinâmico encontramos um segundo, que certamente não é novo no nosso tempo, mas que reforça o primeiro. Trata-se da natureza da comunidade. Em todo lugar onde pessoas se encontram para realizar um trabalho conjunto, desperta o "sabe tudo" no ser humano. Em meu artigo "Social e A-social" (Zeist 1976) chamei isso de impulso a-social. Tanto faz se outro não consegue cravar o prego com a primeira martelada ou se tem dificuldade de desatar um nó, imediatamente as minhas mãos começam a coçar para fazer melhor que ele. E o outro só o faz realmente direito quando ele o faz como eu. Mas pelo fato de o outro ser realmente um outro e de um ato de vontade só poder ser efetuado sozinho e nunca coletivamente, e ainda pelo fato de eu assim passar a me sentir constantemente refreado por outro(s), surge gradualmente uma espécie de alergia a esse(s) outro(s): do meu ponto de vista não consegue(m) mais fazer nada que preste. Paralelamente a este impulso a-social vem à tona também o impulso anti-social. Se eu sei e faço tudo melhor, então sou sub-valorizado e conseqüentemente sub-remunerado. Então tem início a briga por posições, por aumentos de salário. Nisto meu colega compete comigo tornando-se um objeto incômodo que precisa ser tirado do caminho.

No entanto, nos meus momentos de lucidez, e especialmente quando o outro está fora de meu campo de visão, sei muito bem que o que tenho a objetar ao outro são banalidades, que eu só busco motivos para "queimá-lo": que de fato estou diante de minhas próprias fraquezas quando me encontro diante do outro. O que eu percebo de fato é menos o outro do que o meu próprio sócia que nele projeto.

Exatamente da mesma forma, no entanto, o outro vivencia em mim o seu sócia e assim pode acontecer (e acontece muito) que tão somente os sócias se falam. Podemos agora descrever esse fenômeno de forma mais abstrata: na comunidade o indivíduo vivencia no encontro com o outro a nudez de sua própria alma. Ele desperta na relação com o outro. Na luta com o seu próprio sócia ele é encaminhado a si mesmo. O trabalho em comunidade por isso mesmo não cria vínculos: isto é "*wishfull thinking*" ("pensar desejoso"-NT). Paradoxalmente a comunidade leva o indivíduo à solidão.

Esta mistura explosiva entre emoções ferinas e encapsulamento gélido nos vem ao encontro em numerosas instituições, especialmente as mais velhas: e de

forma tão mais compacta quanto menos os indivíduos têm condições de se evitar. Pelo fato de tal ambiente ser realmente prejudicial aos objetivos da cooperação, na elaboração de um produto - tanto faz se é um produto material como cadeiras e bancos, ou espiritual como aulas e educação - surgiu a necessidade por um novo ramo da ciência, a de "human-relations" (gestão de pessoas). A antiga estrutura hierárquica, regida por tapinhas nas costas (salário) seguidos de punições (demissões) já não funciona bem ou é insuficiente agora que os salários de maneira geral se fixam por parâmetros externos à organização (CLT) e as demissões são submetidas a um crescente controle externo. Por isso hoje se faz experiências em larga escala com as mais recentes aquisições da psicologia. Muitas vezes a exploração física é substituída por outra de ordem psíquica. Às vezes as condições de trabalho promovem o isolamento dos colaboradores de forma que não possam se chocar. Se o processo de trabalho torna a cooperação e, portanto o encontro inevitável, então se dispõe de uma série de instrumentos, que começam com a Tia Teresa, aquela alma acolhedora e compreensiva junto a qual as meninas podem chorar suas pitangas, sem se dar conta da psicóloga escolada que por detrás dela se oculta, até as famigeradas e atrozes sessões de grupo, destinadas ao extravasamento dos instintos animais habilitados para uma vítima. Tal qual no galinheiro as galinhas se lançam sem comiseração contra a companheira ferida e não sossegam até que ela tenha sido morta a picadas, da mesma forma se arranca de um companheiro, aleatoriamente - mas cuidando profissionalmente de que sempre seja um outro - todas as máscaras anímicas jogando-lhe na cara todas as suas falhas e defeitos. Parte-se do princípio de que com isso diminuem as tensões no local de trabalho. Não se questiona a que custo, pois este não é a empresa que paga. Para citar apenas um exemplo: o que significa para tal pessoa massacrada psiquicamente ter que se defrontar de forma involuntária e precoce com seu próprio sócia? Como ele deverá se sentir depois ao reencontrar os colegas, que o humilharam e o viram na pior de suas aparências? Tais perversidades não são sinal de que as formas de grupo herdadas do passado já estão chegando ao esgotamento?

Outrora a colaboração era algo harmonioso porque as pessoas sentiam-se totalmente identificadas com os objetivos da organização; pelo fato do trabalho fazer parte do ambiente religioso. Este tipo de considerações históricas não brota de nostalgia. Até pelo contrário. Quando hoje em dia nos defrontamos com experimentos que querem se utilizar de ideais como meio de vinculação de pessoas a grupos de trabalho devemos ter plena consciência de que aqui se retorna para estruturas ainda mais antigas, mais velhas que a ditadura empresarial enriquecida com artifícios psicológicos. Também hoje em dia se demonstra ainda ser possível fazer pessoas trabalharem até a mais completa

exaustão quando se desperta nelas fanatismo religioso ou pseudo-religioso. E de fato é possível evitar animosidades pessoais quando se intensifica de tal forma o ritmo de trabalho que os colaboradores ficam cansados demais para sequer se notarem. Por fim pode-se evitar de forma eficaz a formação de grupos, "panelinhas", mudando-se cada vez, após breves períodos, o ambiente de trabalho, de forma a não se estabelecerem contatos verdadeiros. Não será difícil reconhecer nisto as condições de formação e manutenção de seitas.

Aqui se apresenta então a pergunta se a antroposofia pode indicar caminhos para sair desta situação doentia. Novamente devo-lhes remeter à leitura de meu livro "O Impulso Social Antroposófico", devendo limitar-me aqui àqueles elementos indispensáveis ao assunto em questão. Como ponto de partida devemos tomar a consideração de que o ser humano atual é a-social. Concepções Rousseauianas ou Marxistas a respeito da bondade intrínseca do ser humano são uma ilusão e impedem que se encontre uma real solução. O ser humano pode até ter sido primordialmente bom, mas esta bondade não pode mais ser recuperada. Apenas ao longo do árduo caminho interior da depuração anímica ele poderá adquirir características sociais. Ao mesmo tempo, no entanto, deveremos partir do princípio de que tal caminho jamais pode ser colocado a uma pessoa como exigência, nem mesmo por uma instituição antroposófica a seus colaboradores. Em todas as comunidades, isto é, em todos os grupos reunidos ao redor de um objetivo concreto, deverá se partir da atitude anímica a-social dos colaboradores. Deve-se então colocar a tarefa de dar vida nestes grupos a relações jurídicas tais (acordos - NT) que estes colaboradores não se esbarrem mais uns nos outros mas nas formas e regras. Tais regras não podem ser impostas a partir de fora. Mesmo que tais regras não tenham sido criadas pelos próprios colaboradores, devem poder consentir com as mesmas ao menos mentalmente em plena liberdade. Isto é possível, porque o ser humano é capaz de discernimento social e também almeja o social. Quando então ele se choca de forma vital com estas regras, ele não esbarra no outro mas em si mesmo. Desta maneira a forma (NT - a estrutura, as regras, os acordos) se torna o meio para a única educação que não afeta a dignidade do ser humano: a auto-educação. Estas formas são as instituições a que Steiner se refere quando aborda a "Lei social principal". Da mesma forma como para a vida jurídica que nos é imposta pelo Estado também para as relações institucionais deve prevalecer o princípio de ser permitido tudo aquilo que não está proibido, sobre o que não recai uma proibição, e que por outro lado - diferentemente da prática do estado! - nenhuma posição ou função coloca um colaborador ou chefe acima destas regras.

Este é o lado formal da questão. Sem acordos formais não se tem como manter relações institucionais. Mas também há o aspecto de conteúdo. Sem este lado a comunidade permanece vazia. Cada colaborador deveria ser colocado em condições de se inteirar do significado de sua contribuição para o produto: a origem da matéria prima e componentes, os canais ao longo dos quais o produto segue seu caminho, a satisfação que o mesmo proporciona. Esta é uma espécie de vida espiritual totalmente específica, porque flui funcionalmente da própria atividade econômica, assim como é posto em prática num outro campo pelas conferências pedagógicas das escolas Waldorf. Faz parte deste aspecto de conteúdo que cada um possa se certificar de que seu trabalho responda a necessidades de outras pessoas; de que não está "trabalhando para o seu chefe", seja para o seu bolso ou para seu hobby. Afinal, é disto que em primeira instância se pode extrair o sentido do próprio trabalho e adquirir um primeiro sentimento de fraternidade: eu trabalho para o meu irmão humano.

É importante dar-se conta de que tal estrutura de comunidade não pressupõe pessoas empenhadas em seu auto-desenvolvimento: ela apenas oferece as condições para isto de uma maneira socialmente inofensiva. O "não se dar com outro" já não pode ser mais renegado, através de agressão ou denegrindo o outro, com os quais se renega junto o próprio sócio. Pelo contrário, pecar contra ou chocar-se com regras com os quais inicialmente concordamos, aponta claramente para a própria incapacidade. Se por outro lado se sabe que o único caminho para admøestar o outro quanto aos seus desvios e seu comportamento irritante é o caminho jurídico interno da própria instituição que, portanto tem-se que formular uma queixa, então o que antes parecia "impossível" e "insuportável" se reduz a suas reais proporções: pequenas eventualidades insignificantes. Vivenciam-se as próprias falhas sociais e descobre-se que nisto só haverá mudanças ao assumir para si o caminho da depuração, da forma como, entre outros, está descrito no livro de Steiner "Como se chega ao conhecimento dos mundos superiores"? Em outras palavras - quando se busca o encontro com o "Pequeno Guardião".

Quem trilhar este caminho irá desenvolver em primeiro lugar a si próprio. Ele não poderá escapar da solidão acima mencionada: ele talvez se distancie ainda mais de seus colaboradores porque já não está mais disposto a se vincular com outros com base em rejeição e negatividade. No entanto, se na sua instituição há mais pessoas que se põe a caminho isto tem um efeito harmonizador; mesmo que seja apenas pelo fato de estas pessoas se constituírem em ilhas onde a insatisfação e a agressão não encontrem aliados, mas ao contrário, onde perdem sua força num mar de tolerância. Num prazo (bem) mais longo pode

então se realizar no âmbito das comunidades o mais elevado princípio interpessoal: vivenciar tudo que der errado como devido a si próprio, e ser grato aos outros por tudo que der certo. Quando pessoas se reúnem nesta atitude elas formam um receptáculo que pode ser alimentado pela fonte que primordialmente inspirou os fundadores em sua atuação.

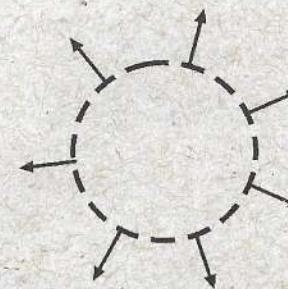
Lancemos agora nosso olhar para isto que entendo como comunhão. Aqui já se trata do oposto da cooperação. Aqui se encontram pessoas que tem em comum um impulso. Um impulso é uma força espiritual concreta. Esta os impregnou como um ideal real e serve de linha mestra para a continuidade de toda a sua vida. Eles reconhecem este impulso também em outros e se encontram no compromisso de fidelidade a esta força - que experimentam como algo superior, como algo perfeito em relação ao ser humano - e no propósito de apoiar-se mutuamente neste intento. Assim formam um cálice de natureza totalmente diferente: um cálice que acolhe a contínua atuação desta força. É o cálice que possibilita ao espírito tornar-se atuante. Ao contrário do que acontece nas comunidades, os companheiros de uma comunhão ficam de costas uns para os outros. Cada um está em seu próprio círculo de trabalho. Apenas raramente precisam se encontrar. O que importa não é o encontro, mas a consciência da presença espiritual de todos os outros em cada passo importante que se dê na vida: admoestando ou ajudando a lidar com a situação no sentido do impulso.

A Sociologia praticamente passou ao largo desta estrutura de grupo. Geralmente ela tem uma atuação oculta. Quando aparece à luz do dia então no mais das vezes já se transformou em exterioridade, em cerimonial. Deste lado não podemos esperar ajuda para chegar à compreensão das comunhões. Deveremos encontrar por esforço próprio a pista do que lhes é característico. Inicialmente é importante termos uma visão do que a comunhão não é. Não se trata do sentimento de "estar" em "casa" que podem ter p.ex. integrantes de uma conferência médica. Esta é uma atitude anímica caracteristicamente comunitária da maneira como se formou através da atuação numa mesma atividade prática. Ali as pessoas se sentem "entre seus pares". Também não se trata fundamentalmente daquilo que anima as pessoas envolvidas numa iniciativa conjunta - então o objetivo em comum é o elo de ligação, mesmo que possa também acontecer que os fundadores de uma instituição tornam essa iniciativa a partir de um impulso comum. Mas é significativo que após algum tempo muitas vezes se evidencia que justamente o impulso se perde no trabalho conjunto e devido a ele.

Comunhão tem a sua origem no dado fundamental de que na nossa época se esgota a possibilidade de o indivíduo estabelecer por força própria uma ligação com o espírito, subentendido nisto o seu próprio Eu superior. Tanto no sentido positivo - o abrir-se para impulsos espirituais - quanto no negativo - o resguardar-se contra seres que são hostis às pessoas, ele precisa do apoio e da ajuda espiritual de pessoas com a mesma orientação de vida.

Na comunhão a pessoa não busca os invólucros da outra, nos quais ele se nos apresenta primariamente: corpo físico, vital e anímico. Com estes ele tem que lidar nas comunidades, cooperando com os mesmos. Aqui se trata do ser espiritual do outro que o acompanha onde quer que ele esteja, enquanto mantiver a sua consciência aberta para ele. Por isso a comunhão é a estrutura na qual o impulso social tem sua expressão característica. Pelo fato do social ser um componente de toda busca que se quer realizar no âmbito da sociedade, um componente inerente a qualquer atividade institucional, comunhões podem muito bem se formar entre pedagogos, terapeutas, pessoas atuantes na vida econômica, etc. As mencionadas comunhões se referem a estruturas geradas conscientemente, cujos companheiros desejam cada qual em seu lugar na sociedade - realizar um determinado aspecto de seu impulso pedagógico, médico, econômico, não como grupo de estudo, mas como grupo espiritual. Enquanto a comunidade é a estrutura normal tanto para a vida econômica quanto espiritual, podemos ver na comunhão a fonte do social, isto é, onde o que importa não é o produto nem o "insight", mas sim o outro.

Aqui chegamos à essência da comunhão. Como já é visível no esquema abaixo que será adiante elaborado de forma mais detalhada, o encontro com os companheiros é questão secundária. Na verdade se está como que de costas uns para os outros.



O cálice espiritual se forma por detrás das costas e o círculo forma ao mesmo tempo uma retaguarda para cada um no seu lugar no mundo. Ele pode estar ali

porque sabe que o grupo está em sua retaguarda. E pelo fato de não estarem face a face, não existe o problema da comunidade, a questão da luta com o sócio. Todos nós já tivemos a experiência de ganharmos um amigo quando ele está distante: eu o considero um cara fantástico, desde que não esteja de visita. Assim não tenho chance de me irritar com eles: pode-se viver com ele como ele *quer ser* e não como *ele é*. Desta forma pode efetivamente desenvolver-se uma interação harmônica, que trás o outro mais para perto. Estamos agora na pista de uma nova contraposição frente à comunidade. A comunidade nos torna estranhos uns para os outros através da cooperação, e nos leva à solidão. A comunhão permite que cada um esteja individualmente ativo no seu próprio canto e leva justamente através disso a ligações cada vez mais íntimas.

Será que com isso descobrimos a estrutura de grupo ideal? A questão não pode ser posta desta forma. Quem é que iria nos sustentar se só existissem comunhões? Isto, no entanto, não é tudo. Cada avanço real, cada nova conquista exige como preço um sacrifício. Se nos perguntarmos com que sacrifício compramos a harmonia da comunhão então deveremos nos dar conta de que ela só tem valor real caso o círculo se mantenha fechado. Para resguardar isto se exige que cada um só dê um passo, por menor que seja, quando ele puder ser efetuado por todos os membros conjuntamente. Se houver mesmo que seja apenas um que não possa fazê-lo, todo o círculo é condenado à imobilidade. Então todos devem esperar, talvez por anos a fio. Não se trata aqui propriamente de pedir consentimento. Cada companheiro precisa ter o outro na consciência de tal forma que ele sabe como cada um se coloca diante da decisão a ser tomada – exterior, mas em especial interiormente. Cada um precisa carregar o ser do outro dentro de si. Por isso as comunhões não podem ser grandes. E pelo fato de que, quando finalmente o último está em condições de dizer sim a um determinado passo, outro possa ter entrado num período de estagnação, toda comunhão tende à imobilidade. Expresso de forma abstrata: quem quiser participar de uma comunhão deve sacrificar seu próprio desenvolvimento e evolução pessoal. Cada vez de novo ele deve resignar-se em função de outros da mesma forma como, ao contrário, se é conduzido pela comunidade ao caminho de desenvolvimento pessoal. A comunidade nos leva ao Pequeno Guardião. A comunhão parte do Grande Guardião: Voltem e tragam seu irmão!

Se quisermos formular a essência da comunhão da forma mais compacta possível então podemos dizer: "Não eu, mas o outro em mim". O outro, este é de um lado o impulso da comunhão, o perfeito; mas é ao mesmo tempo o companheiro como representante deste impulso. Aqui pode se tornar

compreensível um sentido mais profundo porque a comunhão é a estrutura do social. A fórmula "não eu, mas o outro em mim" é afinal a mesma que Steiner denominou de "Fenômeno social primordial" (GA 186/1963/1/5).

Ser social é deixar-se adormecer por um momento pelo outro, deixar-se assim preencher por ele a fim de poder oferecer-lhe auxílio, a partir de seu ser; isto é: partir daquilo que seu ser superior está pedindo. Comunhão é o exercício do fenômeno social primordial. É uma tentativa de se aprender em pequena escala a experiência que está reservada no futuro para a Humanidade em seu todo: levar o outro e o seu desenvolvimento tão a sério quanto a si próprio.

Enquanto a comunidade mais e mais se degenera, a comunhão ainda está engatinhando. São primeiras tentativas toscas o que se encontra; nascidas da necessidade e de maneira geral mais instintivas que conscientes. Alcoólatras firmam uma aliança, não porque se acham tão simpáticos, mas para poder contar com o apoio dos outros quando a necessidade de beber se apodera dele. Algo semelhante existe entre dependentes de drogas. Mulheres que não se conhecem formam um elo para consolar-se mutuamente quando as humilhações ameaçam fazê-las sucumbir. Um criminologista me relatou uma vez que ele tinha um círculo de "gente da pesada" e às vezes lhe telefonam tarde da noite: "Cara, me ajude – estou sendo atraído de forma irresistível para um caixa forte". Não, não se trata de comunhões puras, mas são um começo.

Um primeiro começo assim se encontra também lá onde se busca complementar ou mesmo substituir a terapia científico-natural (mercurial) para aquela de igual valor denominada por Steiner terapia de amor. A comunhão vive também, especialmente, na psicoterapia quando o terapeuta parte do princípio de que a doença do paciente é também sua. Quando a conversa ascende acima de um conselho evoluindo para um impulso comum então o paciente se torna companheiro, então surge na sociedade uma atividade separada e mesmo assim unida, pois se formou um vínculo permanente.

Existem também comunhões construídas única e exclusivamente com base em consciência social e voltadas para sua promoção? Esta questão precisa ainda aguardar um pouco até que tenhamos feito uma tentativa de trazermos à consciência os arquétipos, as imagens primordiais da comunidade e da comunhão.

O exemplo da comunidade podemos encontrar sem muita dificuldade no círculo de Cristo e seus discípulos. O Filho, mesmo em sua elevada divindade necessita de um círculo de pessoas para a consumação da sua missão terrena.

Este grupo oferece sua colaboração e é co-criador do acontecimento central da humanidade, deste trabalho único na existência da terra. Cristo expressa sua gratidão por isso na Quinta Feira Santa, no lava-pés. Em si, a tarefa dos doze com isso se completou.

É exatamente assim como o mestre de ofício lança ainda um olhar de última aprovação ao seu produto antes dele sair de suas mãos. Assim começa imediatamente no Domingo de Páscoa o ensino dos discípulos pelo Ressuscitado: Ele os leva a fazer uma retrospectiva de todo processo no qual colaboraram. Criação e o julgamento do criado nunca se dão concomitantemente. Um pintor pára de pintar, descansa e dá um passo para trás quando quer avaliar sua tela. Também Deus descansa, como relata o Gênesis, cada vez após o trabalho do dia e no sétimo dia para avaliar sua criação: "E viu que estava bom". Por isso só agora os discípulos descobrem no que colaboraram e o que a comunidade dos Doze + Um pôde realizar. Steiner chama a isto "o despertar do sono de Getsêmane". Esta vivência da ventura indescritível da comunidade termina abruptamente na Ascensão.

Sabe-se que para artistas pode significar um profundo sofrimento quando não podem mais ter junto a si a sua criação; quando venderam sua obra, quando deve ser entregue, quando é queimada. Dores semelhantes sofreram as comunidades das classes e de professores das escolas Waldorf quando foram fechados pelos Nazistas. A vida então parece se constituir de um imenso vazio; a comunidade perdeu o seu sentido. Podemos supor este clima para os discípulos no dia da Ascensão e nos dias que se seguiram. Com os rostos voltados uns para os outros miravam no nada.

Até que se voltaram, formando abruptamente o círculo Pentecostal. Surge a imagem da comunhão. Agora lhes era possível cumprir a última tarefa que lhes havia sido deixada na Ascensão. Dirigir-se "a todos os povos do mundo" e de tal forma que cada um os podia entender em sua própria língua. Eles testemunharam disto que acabavam de compreender: o acontecimento da Palestina. Pela primeira vez os efeitos da confusão lingüística Babilônica foram superados. O alento comum, diferenciando-se nas mais diversas línguas devido ao irrompimento do Eu, estava neste momento - como numa promessa para o futuro - re-unido no degrau mais elevado da Personalidade Espiritual (GA 59/19/I).

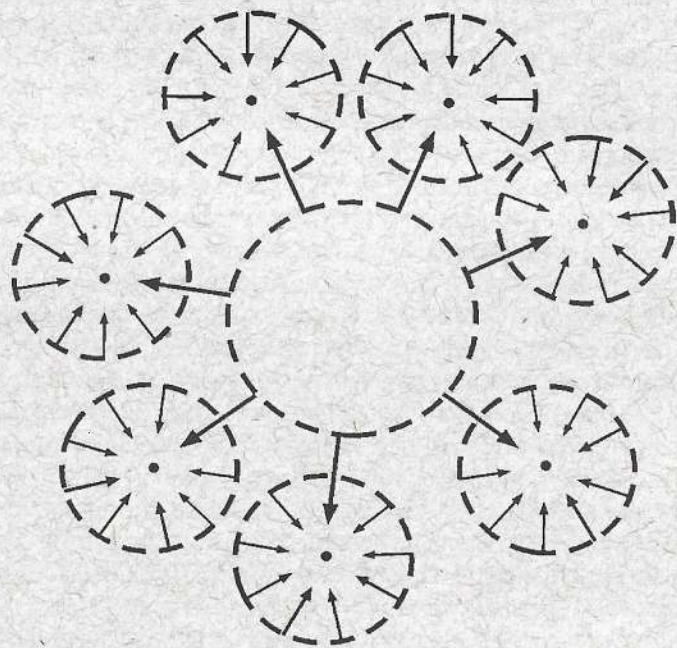
O que se passou no ponto de inflexão da história traz em todas as suas facetas as características de uma imagem primordial. Para o assunto em questão devo ainda mencionar mais um. A festa de Pentecostes é antecedida de um ato.

Deste período que é o mais curto das festas cristãs, os dez dias entre Ascensão e Pentecostes, os Atos dos Apóstolos nos relatam um único acontecimento. O lugar de Judas Iscariotes é preenchido novamente. Agora que este já não vive mais, se suicidou, permitem as leis sociais que os Doze se completem e de tal forma que o lugar de Judas Iscariotes seja preenchido por alguém que carrega dentro de si o seu impulso (positivo). Apenas no cálice íntegro dos discípulos poderá se derramar o Espírito Santo.

Desta forma aprendemos a conhecer ambas as imagens primordiais, o círculo voltado para dentro e o círculo voltado para fora, como marcos seqüenciais no tempo. O que então precisou suceder-se seqüencialmente no tempo, hoje existe concomitantemente - um ao lado do outro. A comunhão Pentecostal só poderia surgir após a Ascensão - ainda retornarei a isto - porque a Ascensão é a pré-condição para Pentecostes. A realidade social mostra de um lado comunidades que estão, como vimos, em processo de degeneração, mas que precisam subsistir enquanto nós como seres biológicos precisarmos nos alimentar e vestir e, de outro lado, comunhões, das quais a primeira surgiu em Pentecostes e que ainda hoje se encontram em "statu nascendi" (NT: em processo de nascimento). Como estas duas estão em inter-relação uma com a outra? A lei sociológica básica faz com que todas as comunidades tendam a se desintegrar. Mesmo assim permanece a exigência econômica da colaboração, de que se trabalhe para o outro, não para ganhar com isso, mas em função de suas necessidades (lei social principal). A longo prazo isso só será factível à medida que cada vez mais pessoas passarem a considerar o trabalho para seus contemporâneos como inerente à sua missão terrena, sem nisto estar motivado pela perspectiva de ganho financeiro ou de poder.

Será difícil então nos representar outra forma que não seja a de que cada indivíduo que pertença a uma comunhão trabalhar também em algum lugar numa comunidade. Ele carrega então para dentro da comunidade as habilidades que desenvolveu ao lidar com o fenômeno social primordial. Lá ele é então uma das pessoas do grupo que está voltado para dentro, para um objetivo. Ele terá em princípio todas as dificuldades como qualquer outro da comunidade. No entanto, a partir do impulso social que o une em sua comunhão com os companheiros, não se colocará como seu objetivo seu próprio desenvolvimento (a-social), mas o do outro. Esta tarefa o orientará no caminho de volta - do Grande Guardião ao Pequeno Guardião, submetendo-se ao processo de depuração. Por outro lado, ele se constituirá num elemento rejuvenescedor e sanador para a comunidade através do impulso que ele traz consigo da sua comunhão. Quando tais pessoas são membros de uma comunidade logo vem ao seu encontro o papel de pastor. Eles são os guardiões da qualidade das

relações humanas e irradiam um calor consolador no grupo, que muitas vezes está alicerçado em princípios hierárquicos humilhantes.



Não seria então desejável que comunidades se tornassem simultaneamente comunhões? De maneira geral cabe aqui uma resposta negativa. A integração de ambos os caminhos certamente faz parte do futuro da humanidade, mas em seu estágio atual isso iria exigir demais das pessoas. É melhor que cada um siga seu próprio caminho. Quando ele o tiver trilhado suficientemente, até depois da depuração, então a nível individual, portanto no micro-social, não haverá mais distinção entre ambas. Querer alcançar o mesmo resultado a nível institucional, portanto meso-social, coloca exigências bem mais elevadas. Para uma organização um pouco maior fica já difícil até imaginar. Não seria incorreto frente aos colaboradores trabalhar numa comunidade na qual só alguns formam uma comunhão dentro da instituição? Ou então, seria correto exigir de membros de uma comunidade que se vinculem a uma comunhão? Mas o que de maneira geral em nossa sociedade hoje ainda não é possível pode muito bem se tornar a busca de grupos (bem) pequenos. Inspirados a partir deste

impulso podem tornar possível o impossível como sacrifício para o futuro, ante-vivendo formas futuras. Pois tudo que quer se tornar realidade no futuro deve encontrar uma vanguarda que se coloque isto como missão mesmo que - em se tratando de um parto prematuro - esteja antecipadamente condenado ao fracasso. E quem iria querer forçar um outro a disto participar?

Não obstante existe uma instituição que reúne ambas as estruturas de grupo em si: o casamento. Assumido como organização voltada para objetivos - para a família, para a existência, para juntar patrimônios - o casamento é uma comunidade que tende a se desfazer em função da problemática comum a todas as comunidades, a crescente alergia às fraquezas do parceiro. Como pura comunhão, no entanto ela se realiza às custas das crianças, até mesmo da própria existência. Por isso mesmo o casamento é a aventura social mais ameaçada da humanidade. Mas justamente no menor de todos os grupos - não por acaso denominado no passado de célula social -, por se balançar entre comunidade e comunhão está a chance e a possibilidade de se antecipar a algo que para a humanidade em geral está reservada para o futuro (8).

Podemos agora retornar a questão de onde encontramos comunhões na vida cotidiana. Aqui podemos pensar primariamente no sacerdócio, desde que este atue a partir de uma noção correta de identidade. Os sacerdotes individuais não trabalham juntos no sentido terreno. Cada um tem a sua comunidade eclesial. Mas juntos zelam pelo perfeito, o culto (9). Certamente eles também podem ser reis, heróis do espírito. Mas se quiserem governar a sua comunidade eclesial então teriam feito bem em se tornarem empresários. Caso se formem no âmbito da comunidade eclesial comunidades de trabalho, pelo fato de determinadas tarefas exigirem colaboração, então pode também aqui se aplicar a última imagem, na qual comunhão e comunidade se articulam: o sacerdote proveniente de uma comunhão passa a integrar uma comunidade. Seria, no entanto um erro ver o sacerdócio como o arquétipo de comunhão, a servir de exemplo para outras comunhões. A comunhão tem seu germe e cerne no social e apenas na medida em que o sacerdócio professa o impulso social, a sua missão - a de partir da perfeição e de zelar por ela no mundo - atende de forma quase natural aos pré-requisitos da comunhão.

Um pastor, no entanto não é mestre. E aqui chegamos a uma última consideração sobre o nosso tema. Também para ela encontramos na Bíblia uma imagem primordial. Quando Jesus está diante do ser humano mais moderno com que se encontra em sua vida, diante de Pôncio Pilatos, e este lhe pergunta se ele é o Cristo, recebe como resposta: "Tu o deves dizer"! A esta frase pelo que eu sei mal foi dada atenção pela teologia das igrejas cristãs, mas sim, de

forma admirável, pelos Chassidim. É de um significado central, pois marca o começo do fim da missão de ensinar. Talvez um ou outro conheça o sentimento de se sentir um tanto deslocado ao dar aulas, proferir palestras, escrever livros. Algo dentro de si mesmo lhe diz que está se ocupando com algo que já teve seu apogeu – por mais necessário que ainda possa ser em situações concretas.

Mas o que então? Os discípulos então não ensinavam em Pentecostes? Não, eles não ensinavam e os Atos dos Apóstolos expressam isto ao dizer que em Pentecostes cada um os ouvia falar em sua própria língua. Também a última tarefa deixada na Ascensão pelo Ressuscitado, o envio dos discípulos, não se refere à tarefa de ensinar. Como explicar então que os discípulos podiam anunciar a todos os povos o Cristo? Porque a isto havia precedido a Ascensão, porque no advento do quadragésimo dia o Cristo se ligou substancialmente à vida da terra; também com o corpo vital de todas as pessoas. Isso significa que a partir deste momento Ele está presente em cada uma das pessoas, se bem que – de maneira geral – sem ser reconhecido. Se puder expressá-lo nos termos das considerações aqui apresentadas: o apóstolo que na conversa se deixava adormecer, podia despertar no “pagão”, de dentro de seu próprio ser (“em sua própria língua”), a consciência do mistério de Cristo.

Somente desde a Ascensão existia esta possibilidade. E apenas desde este dia existe a possibilidade da comunhão. Em três grandes passos se realiza o nascimento do social. Com a Ascensão o Cristo preenche como potencialidade cada pessoa. Pentecostes traz o milagre da comunhão. E no dia cósmico de João a comunhão segue em cada um de seus companheiros ao encontro do mundo. Ele experimenta em cada outra pessoa o substituto do Cristo: “Ele deve crescer, eu devo minguar”.

Notas complementares:

- 1) A sociologia moderna, devido a seu dogma agnóstico, declarou tabu o conceito de “wetmatigheid” (NT- “padrão regulador”, ou seja, algo que tem força de lei natural). Apenas se fala de teorias, por sua vez derivadas de outras teorias. Existe apenas um tênue fio para o mundo da experiência: este pode falsificar a teoria. A ditadura desta acrobacia mental, no entanto, não consegue anular os resultados empíricos de uma sociologia um pouco mais antiga. Apenas se torna hoje necessário – lamentavelmente – indicar o que entendemos por “wetmatigheid”: processos de grupo que se manifestam com significante regularidade.

- 2) O fato de Steiner praticamente não se referir à sociologia, apesar de sempre que possível conectar com as pesquisas científicas da época (não as teorias!) pode ter tido como motivo o fato de a sociologia alemã, cujos ápices eram na época Max e Alfred Weber, filosofar de forma interessante, mas pesquisar muito pouco. A sociologia empírica americana ainda estava engatinhando nesta época e era apenas acessível em inglês.
- 3) Vejam Warner & Lloyd (ed) “Yankee Citie Series”, New Haven, 1941-1959;
- 4) Também faz parte deste padrão que este meu artigo tenha sido considerado ofensivo pela 6ª camada. Resultou, inclusive, no CIA considerarem-se qualificados devido a suas brilhantes capacidades profissionais. O pensamento de que a posição privilegiada de sua casta não se deve apenas a suas capacidades físicas (que não estão sendo contestadas), mas derivar de leis sociológicas era para eles insuportável.
- 5) R “Steiner” Metamorphosen des Seelenlebens” 1929 pág. 182 e 187 em 61 59)-GA 59 (NT- GA= Obras Completas de R. Steiner- Goetheanum)
- 6) GA 153/1959/67
- 7) Segundo Peter Petersen entre outros em “Gefährte meines Leidens” em “Wege zum Menschen; “Der Therapeut als Begegnender” em “Der Zielfreie Weg”.
- 8) Para evitar mal entendido: comunhão requer liberdade. Formas conjugais – como os restos do casamento civil ou condenação à prisão perpétua por parte das Igrejas - mantida a partir de fora não são adequadas para tal. Trata-se de um “por toda vida” interior, para o qual o sacramento pode ser um apoio, mas que em princípio não admite distinção entre casados ou não.
- 9) Veja a este respeito meu artigo “Die Hierarchie in der Christengemeinschaft” em Info3, Novembro 1985.